

ANTONIO  
POTEIRO

COTIDIANO,

---

IMAGINAÇÃO

---

IZABEL MENDES  
DA CUNHA

JOSÉ ANTÔNIO  
DA SILVA

E PAISAGEM:

---

GALERIA

---

JOSÉ  
BEZERRA

JÚLIO  
MARTINS

ESTAÇÃO,

---

20

---

MIRIAN INEZ  
DA SILVA

NINO

NOEMISA BATISTA  
DOS SANTOS

ANOS



MIRIAN INEZ DA SILVA  
SEM TÍTULO, 1981 (DETALHE)  
ÓLEO SOBRE MADEIRA  
50 X 25 CM



A presente exposição celebra a atuação da colecionadora e galerista Vilma Eid, que nas últimas duas décadas tem se dedicado a apresentar ao público artistas brasileiros por muito tempo subvalorizados por não pertencerem ao cânone erudito da história da arte. Trata-se, em geral, de homens e mulheres de origem modesta, que desenvolveram seus trabalhos artísticos de maneira autodidata e longe dos grandes centros urbanos, criando um universo imaginativo próprio a partir da vivência da cultura popular, das atividades laborais tradicionais e da religiosidade.

Tais artistas nem sempre ficaram fora dos museus e grandes exposições, como é o caso do paulista José Antônio da Silva, cujo reconhecimento se deu muito cedo, nos anos 1940, quando o então diretor do Museu de Arte de São Paulo, Pietro Maria Bardi, adquire suas pinturas para a coleção da instituição. No entanto, se Silva é figura recorrente nas narrativas da história da arte moderna brasileira, nem sempre seus trabalhos atingem valorização semelhante aos de seus contemporâneos. A importância da Galeria Estação no cenário da arte nacional está relacionada à revalorização, ou mesmo descoberta, de criadores que permaneceram à margem do sistema institucionalizado da arte, mas cujas obras são de uma contemporaneidade inquestionável.

Esta seleção buscou apresentar um conjunto significativo de pinturas e esculturas de oito artistas históricos no âmbito da dita arte “popular” ou “não erudita”, e que fazem parte do acervo da galeria. Para além dos

questionamentos teóricos que essas classificações conceituais engendram, deseja-se evidenciar a riqueza formal e a autenticidade estilística do trabalho desses criadores, cuja presença se espalha pelo território brasileiro e que, em alguns casos, acabaram por inaugurar escolas artísticas regionais, como Antonio Poteiro ou Izabel Mendes da Cunha.

Por um lado, há similaridade no que diz respeito ao conteúdo temático das obras, com a presença marcante da relação entre o homem e o meio natural, do trabalho rural, do artesanato, das figuras religiosas e do imaginário das festas populares. Por outro lado, nota-se a singularidade expressiva que cada artista dá à vivência cotidiana de um universo comum. Também no que diz respeito ao uso dos materiais, como a madeira, por Zé Bezerra e Nino, ou o barro, por Noemisa e Izabel, materialidades com função central na constituição de suas poéticas, o processo de formalização das obras é completamente original.

Do conjunto, as pinturas de Mirian Inez da Silva e Júlio Martins destacam-se pela convivência que ambos tiveram com o meio cultural do Rio de Janeiro, produzindo um trânsito instigante de referências que fica como um convite a futuras pesquisas.

Ao aproximar esses trabalhos no espaço expositivo, intenta-se evidenciar a diversidade de uma produção que escapa a generalizações simplistas. Por fim, só temos a agradecer à atuação obstinada de Vilma Eid na preservação e conservação da memória da arte brasileira, e por sua generosidade ao expandir o conhecimento público dessas criações.

---

Este é um ano marcante para mim e para a Galeria Estação.

Minha trajetória no mercado da arte começou em 1984, quando fui convidada por Paulo Vasconcellos e Torquato Pessoa para ser sócia da galeria que levava o nome do Paulo. Também apaixonado pela arte brasileira, dos eruditos aos não eruditos, ele foi meu mestre.

Depois que a galeria fechou, tive um escritório de arte; até que, em 2004, eu e meu filho Roberto inauguramos a Estação. Comemoramos os vinte anos de atuação da galeria com esta exposição especial no Instituto Çarê. Especial porque fala de arte e de amizade.

Temos, com Elisa Bracher, a Licó, que fundou o Çarê ao lado de Ana Cristina Cintra, uma sinergia nos propósitos e objetivos que nos guiam. A busca, a divulgação e a preservação da cultura brasileira são, para Elisa, missão. Por isso o convite para esta mostra muito nos alegra.

Ao querido Fabrício Lopez, artista e diretor do núcleo de artes visuais do Çarê, nossos agradecimentos pela acolhida. A Taisa Palhares, curadora da mostra, que acompanha e conhece o programa da Estação, nossos agradecimentos, também.

Dessa forma, aqui estamos reunidos, todos, em torno da arte e da amizade que nos une.

---

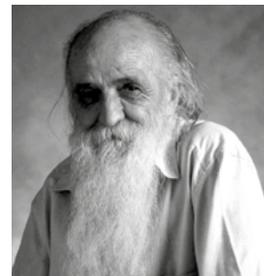
O escultor Alberto Giacometti dizia que não fazia cabeças para criar arte, mas para ver e entender o que via. Se a arte é uma forma de transformar o mundo, dando a ele novas visualidades, também é construir objetos que ajudem a compreender nosso entorno em profundidade, conciliando realidades e sonhos com o mundo onde vivemos.

É o que faz Jadir quando constrói, com a matéria mais quente e original de seu entorno, a madeira, relações entre orixás e o mundo que habita. Ou o Véio, que cria imagens oníricas e depois as recobre com cores, dizendo: “prefiro minhas esculturas sem pintura, mas elas vendem mais coloridas”.

Qual a diferença entre Giacometti e Jadir, Véio e muitos dos artistas que aqui expõem? Como Giacometti, acredito, tampouco eles iniciam suas construções na intenção de *fazer arte*. Partindo de si mesmos e das relações com as pessoas de seu mundo, investigam sua paisagem através da construção de formas, utilizando-se de seus instrumentos cotidianos de trabalho.

Descobertos pelo mercado, são bombardeados por exigências externas a seu trabalho; em geral, regras que não fazem parte de seu riquíssimo repertório cultural. Suas obras são muitas vezes consideradas artesanato ou arte popular.

Nesta mostra, podemos ter contato com algo raro no mundo comercial da arte; algo que não é a plástica resultante da valoração mercadológica. Se, além do olhar que conforma a forma, pudermos envolver outros sentidos que temos, decerto entenderemos que estes trabalhos são fruto da busca de integrar mundos e ancestralidades presentes em todas as obras de arte que apreciamos.



ANTONIO POTEIRO  
[ANTONIO BATISTA DE SOUZA]

SANTA CRISTINA DA POSSE, PORTUGAL, 1925 — GOIÂNIA, BRASIL, 2010

---

Chegou criança ao Brasil, onde viveu em São Paulo, Minas Gerais e entre os índios carajás, na ilha do Bananal, fixando-se em Goiânia em 1955. Foi cisterneiro, padeiro, cozinheiro e faxineiro antes de iniciar-se na arte do barro com o pai, o ceramista Américo de Souza, que fazia potes e utensílios. Daí o apelido Poteiro. Desejoso de dar outras formas à matéria, passa a esculpir santos, urnas, animais sagrados e sonhos. Em 1973, animado por Siron Franco, inicia-se na pintura, somando temas religiosos e crítica política: em uma *Última Ceia*, a mesa é decorada com notas de dólar e libra. Suas obras estiveram na Bienal de São Paulo em 1981 e 1991, e foram vistas em mais de vinte países.



IZABEL MENDES  
DA CUNHA

ITINGA (MG), BRASIL, 1924-2014

---

Filha de paneleira e lavrador, casada com um vaqueiro, começou nos anos 1970 a produzir seu figurado inicial, com bois, cavaleiros, passarinhos pousados em galhos e pequenos presépios, que recebiam engobo de barro branco. A partir de 1978, cria as noivas e noivos, mulheres amamentando, matronas e moças de grande formato que a notabilizaram. Com tons de barro diversos, confere extraordinária expressão às fisionomias caboclas, brancas ou negras. Vendendo a compradores do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, foi a única artista do Vale do Jequitinhonha a alcançar preços minimamente justos para seu trabalho. Participou de exposições nas capitais do Sudeste desde os anos 1980, e seu trabalho está representado nos principais museus de arte popular do país.



JOSÉ ANTÔNIO  
DA SILVA

SALES DE OLIVEIRA (SP), BRASIL, 1909 — SÃO PAULO, BRASIL, 1996

---

Filho do carreiro de bois, só começou a pintar aos 37 anos. Antes, lutou para sobreviver em serviços árduos no interior de São Paulo. Casado e com filhos, começou a fazer desenhos a lápis. Em 1946, vivendo em São José do Rio Preto (SP) e trabalhando como garçom, vence concurso da Casa de Cultura com *Boizinhos*, óleo pintado em flanela. Pouco depois, participa de bienais de São Paulo e ganha uma sala especial na Bienal de Veneza. Quarenta anos no meio rural deixaram forte marca em sua pintura, na qual predomina a paisagem e o homem entregue às lides do campo. Em 1975, estabeleceu ateliê em São Paulo. Sua obra foi tema do curta-metragem *Quem não conhece o Silva?*, de Carlos Augusto Calil (1978) e de retrospectiva no MAC-USP.



JOSÉ  
BEZERRA

BUIQUE (PE), BRASIL, 1952

---

Nascido entre o sertão e o agreste, foi lavrador, trabalhador braçal, carreiro. Matou bichos para comer e derrubou árvores para fazer lenha, o que hoje tenta expiar pela arte. Há dez anos sonhou que era chamado a fazer suas esculturas. Passou a olhar as madeiras que o cercavam e a intervir nelas. Não esculpe de forma tradicional, trabalhando um bloco de madeira para alcançar uma forma definida; procura ver a figura que se insinua no lenho – em geral, umburana – e trazê-la à tona com a intervenção rude de facão, grosa, formão e serrote. A expressividade de seus trabalhos vem da compreensão de que o próprio meio que contribuiu para seu surgimento, Vale do Catimbau, está prestes a ser posto abaixo pela mudança acelerada nas relações econômicas.



**JÚLIO MARTINS**  
[JÚLIO MARTINS DA SILVA]

NITERÓI (RJ), BRASIL, 1893 —  
RIO DE JANEIRO, BRASIL, 1978

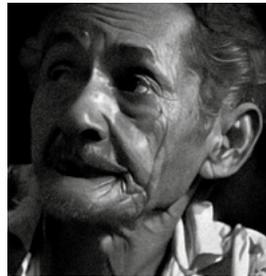
Cresceu na roça, mas mudou-se com a família para o Rio de Janeiro após a morte do pai. Jovem, frequentava teatros e cafés-concertos. Passa por diversos empregos antes de tornar-se cozinheiro no Hotel Avenida. Começou a pintar com lápis crayon aos 29 anos. Aposentado, morando em Coelho da Rocha (RJ), passa a se dedicar exclusivamente às telas, agora usando tinta a óleo. Pinta essencialmente paisagens, a partir de atentos estudos de folhas, árvores, pássaros, flores, gestos, vestimentas, animais; as figuras humanas se fundem harmoniosamente em seu halo verde. Se tudo é delicadeza, idílio, euforia, às vezes repassada por uma ponta de humor, o pintor não se furta a expor a angústia histórica do seu tempo.



**MIRIAN INEZ**  
DA SILVA

TRINDADE (GO), BRASIL,  
1948 — RIO DE JANEIRO,  
BRASIL, 1996

A obra da artista reflete vivências diversas da cultura popular do interior brasileiro e das sociedades metropolitanas, permeadas pela cultura de massa. Depois de cursar a Escola Goiana de Artes Plásticas, estudou pintura com Ivan Serpa no MAM-RJ. Começou como gravadora, explorando a visualidade do cotidiano; reconhecida imediatamente pelo circuito institucional, participou das bienais de São Paulo em 1963 e 1967. Abandona a xilogravura no final dos anos 1960 e, em 1970, realiza sua primeira mostra de pinturas. Voltada a aspectos da sociabilidade no meio rural e na cidade, sua obra volta-se ao que é vivo, festivo, pulsante e corriqueiro, e revela a preocupação com uma certa brasilidade, buscada na natureza e na cultura.



**NINO**  
[JOÃO COSMO FELIX]

JUAZEIRO DO NORTE (CE),  
BRASIL, 1920-2002

Antes de dedicar-se à escultura em madeira, começando por brinquedos, cortou cana-de-açúcar e trabalhou como ferreiro. Em 1974, fazia animais de madeira com caudas de imburana, cambão ou timbaúba. Na década de 1980 dá o grande salto para esculturas de um metro de altura ou mais. No monobloco de madeira, esculpe em alto-relevo ou recorta pássaros, elefantes, casamentos e reisados, que pinta com cores temperadas por ele. Já expôs individualmente e em coletivas como *Brésil, Arts Populaires* (Grand Palais, Paris, 1987) e *Mostra do Redescobrimento* (Oca, São Paulo, 2000). Sua obra integra importantes coleções públicas e privadas no Brasil e no exterior. Analfabeto, viveu em Juazeiro do Norte até a morte.



**NOEMISA [NOEMISA**  
BATISTA DOS SANTOS]

CARAI (MG), BRASIL,  
1947-2024

Muito jovem, aprende a modelar o barro com a mãe, Joana, paneleira, que introduziu em Carai a “moringa-mulher de três bolas”, vasilha para água com tampa de cabeça feminina e base tripartida. Diferentemente da mãe e da avó, começa esculpindo figuras, e compõe uma verdadeira crônica da vida de seu bairro ao reproduzir festas e cenas cotidianas. Sua arte é feminina, com delicadas aplicações de barro claro nos vestidos, na decoração das capelas, nas toalhas das mesas. Suas esculturas estiveram na exposição *Brésil, Arts Populaires* (Grand Palais, Paris, 1987) e na *Mostra do Redescobrimento* (Oca, São Paulo, 2000), e integram acervos importantes de arte popular. Uma das artistas mais originais da arte cerâmica brasileira, viveu isolada e em condições difíceis.



JOSÉ BEZERRA  
SEM TÍTULO, 2008  
ESCULTURA EM  
MADEIRA  
70 X 29 X 23 CM

Fontes: Lélia Coelho Frota, *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro, século XX*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2005; Rodrigo Naves, *José Bezerra: esculturas*, São Paulo, Galeria Estação, 2010.

## COTIDIANO, IMAGINAÇÃO E PAISAGEM: GALERIA ESTAÇÃO, 20 ANOS

Curadoria  
**Taisa Palhares**  
Expografia  
**UNA barbara e valentim**  
Identidade visual  
**Luciana Facchini**  
Coordenação editorial  
**Teté Martinho**  
Cenografia  
**Metro 2**  
Montagem  
**Tato Blassioli**  
Design de luz  
**Fernanda Carvalho**  
Lighting Design  
**Juliana de Jesus**  
Assessoria de imprensa  
**Marmiroli Comunicação**  
Revisão  
**Regina Stocklen**  
Educativo  
**Alexandre Silva**  
Fotografia  
**Ana Pigozzo**  
**Germana Monte-Mór**  
**João Liberato**

### INSTITUTO ÇARÊ

Direção institucional  
**Ana Cristina Cintra**  
**Elisa Bracher**  
Direção geral  
**Shen Ribeiro**  
Núcleo de Artes Visuais  
**Fabrcio Lopez**  
(direção)  
**Gabi Mariano**  
(coordenação)

### GALERIA ESTAÇÃO

Direção  
**Vilma Eid**  
**Roberto Eid Philipp**  
Direção comercial  
**Giselli Gumiero**  
Vendas  
**Amanda Clozel**  
**Matheus dos Reis**  
Direção de marketing  
**Luciana Baptista Philipp**  
Desenho gráfico/  
Comunicação  
**Zion Digital Marketing**  
Produção  
**Lu Mugayar**  
**Rodrigo Casagrande**  
Apoio de produção  
**Jefferson Antônio**  
**Galvão**  
**Kléber José Azevedo**  
**Marcos Vinícius dos**  
**Santos**  
**Vitor Gabriel Campos**  
**Azevedo**  
Conservadores  
**Bernardo Macena**  
**Correia, Carla Sousa,**  
**Elton Hipolito**

### AGRADECIMENTOS

Equipes Instituto Çarê,  
Ateliê Bracher, Instituto  
Acaia e Galeria Estação

### REALIZAÇÃO



**COTIDIANO,  
IMAGINAÇÃO  
E PAISAGEM:  
GALERIA ESTAÇÃO,  
20 ANOS**

**VISITAÇÃO**

**DE 3 A 31 DE AGOSTO DE 2024  
TERÇA A SÁBADO, DAS 13H ÀS 18H**

**INSTITUTO ÇARÊ  
RUA DR. AVELINO CHAVES, 138  
VILA LEOPOLDINA**